

O VOLEIBOL COMO ESPAÇO DE DISPUTAS SOCIAIS: ESTUDO SOBRE FORMAS DE PODER SIMBÓLICO EM EQUIPE UNIVERSITÁRIA FEMININA

Luís Armando Leonardo Filho

Universidade de São Paulo/Brasil

luisarmando@usp.br

Renato Francisco Rodrigues Marques

Universidade de São Paulo

renatomarques@usp.br

Envio original: 05-09-2016. Aceitar: 14-09-2017. Publicado: 18-04-2018.

Resumo

Considerando que o voleibol é um subcampo do campo esportivo, o objetivo deste estudo foi investigar os critérios e processos de entrada e distribuição de poder entre jogadoras de uma equipe universitária do interior paulista. A partir de entrevistas semiestruturadas e fundamentação teórica na obra de Pierre Bourdieu, a pesquisa permitiu afirmar que o capital simbólico legitimado compôs-se pela capacidade técnica das jogadoras e a experiência anterior na modalidade. Como resultados, tem-se que o objetivo primário da equipe é ganhar jogos e não “ensinar” ou iniciar novas jogadoras no esporte, desse modo, as disputas por poder ocorreram entre as participantes de maior e menor experiência.

Palavras-chave: Voleibol; Sociologia - Pierre Bourdieu - Poder Simbólico.

Voleibol como un espacio de conflictos sociales: estudio sobre el poder simbólico en un equipo femenino de una universidad

Resumen

Ese artículo tuvo el objetivo de comprobar la manifestación del deporte en el Instituto Federal do Paraná, por medio de un contexto histórico de dos versiones del Plan de Desarrollo Institucional -PDI, documento norteador de la Institución. Como ayuda para interpretar las informaciones buscadas se utilizó el Decreto 7.984/2013. Sobre el contenido de cada documento identificado algunas similitudes y diferencias con respecto a las propuestas para el deporte con una apreciación del deporte que estimula la competencia y la ausencia de propuestas que incluye el deporte como el contenido de los componentes del plan de estudios.

Palabras clave: Instituto Federal do Paraná – Plan de Desarrollo Institucional – Deporte.

Volleyball as an environment of social disputes: study of symbolic power in women's college team

Abstract

Seeing volleyball as a subfield of the sports field, the aim of this study was to investigate the criteria and entry processes and distribution of power between players of a college team. From semi-structured interviews and theoretical foundation in Bourdieu's work, the research allowed us to affirm the legitimate symbolic capital was made up by the technical ability of the players and previous experience in the sport. As a result, it follows that the primary objective of the team is to win games and not "teach" new players, thus the power by disputes occurred among participants with greater and lesser experience.

Keywords: Volleyball – Sociology - Pierre Bourdieu - Symbolic Power.

Introdução

O esporte é um dos fenômenos socioculturais mais influentes na sociedade globalizada. Reforça importantes ideias e crenças e está integrado às principais esferas da vida social como família, religião, educação, economia, política e mídia. Como forma de análise das relações entre o esporte e o meio social que o cerca, a sociologia do esporte se apresenta como alternativa e forma de abordagem (COAKLEY, 2008).

Sobre a sociologia do esporte, Pierre Bourdieu (1990, p.207) afirma que: “... de um lado existem pessoas que conhecem muito bem o esporte na prática, mas não sabem falar dele, e, de outro, pessoas que conhecem muito mal o esporte na prática e que poderiam falar dele, mas não se dignam a fazê-lo, ou o fazem a torto e a direito”. Deve-se, portanto, atentar para uma abordagem sociológica do esporte, atendendo aos rigores metodológicos necessários, de forma a trazer contribuições relevantes para uma melhora do corpo de conhecimento esportivo.

Neste contexto, é possível compreender o esporte como um campo social, dotado de normas, disputas e agentes próprios, que encarna um cenário de oferta e demanda de produtos. As transformações das atividades esportivas ocorrem com base na relação entre a oferta de produtos num dado momento específico e a demanda de disposições para consumi-lo (BOURDIEU, 1990).

Os subcampos compõem-se como espaços sociais que têm suas regras de disputa e interesses subordinados aos do campo em questão (no caso uma modalidade esportiva como subcampo do campo esportivo), mas que ainda se fazem mais específicos devido a características singulares em relação a outros pontos do campo (MARQUES, 2010). A estrutura de relações objetivas e sua manutenção em campos específicos são primordiais para a compreensão das propriedades específicas de cada subcampo (BOURDIEU, 1983). Para melhor compreender o campo esportivo, deve-se indagar sobre os momentos de constituição dos subcampos esportivos, pois a disputa entre cada uma das modalidades emergentes ou reinventadas foi uma das principais condições estruturantes do universo do esporte (SOUZA, 2011).

Um subcampo do esporte que apresenta relevante inserção em diferentes ambientes de prática (alto rendimento, lazer, escola) no Brasil é o voleibol (MARCHI JR, 2004). Principalmente por caracterizar-se como um jogo coletivo, o voleibol possibilita preciosas oportunidades de vivências sociais ligadas à convivência, disputa por poder, superação de dificuldades, sensações de sucesso e fracasso e relações sociais próprias de um espaço competitivo. Tais fatores agregam a esta modalidade

esportiva uma grande e crescente influência sociológica e pedagógica, que merece ser analisada e compreendida em sua relação com diferentes campos sociais.

O voleibol foi criado de acordo com necessidades de um grupo social norte-americano do fim do século XIX, composto de senhores de meia idade, burgueses em ascensão e associados de uma instituição religiosa e elitista. Foi edificado por estruturas básicas da sociedade norte-americana, representada por uma burguesia capitalista emergente (MARCHI JR, 2002).

Esta modalidade esportiva teve origem no fim do século XIX com o nome de *Minonette*, jogo criado pelo norte-americano William George Morgan que era diretor de Educação Física da *Young Men Christian Association* (AFONSO, 2011; MARCHI JR, 2002). Morgan desenvolveu um novo jogo visando a participação dos “homens de negócios”, julgando o basquetebol mais apropriado às classes mais jovens e devido a essa característica, não supria a necessidade dos membros mais velhos de se exercitarem de forma menos dura ou severa (MARCHI JR, 2004). Em Springfield, depois de diversas análises sobre o novo jogo, quanto suas formas e objetivos, foi proposta pelo Dr. Halstead a mudança do nome de *Minonette* para *Volleyball* (MARCHI JR, 2002), evidenciando a natureza do jogo, que consiste no voleio da bola.

O voleibol passou por uma série de transformações de seus sentidos e valores durante o século XX, tendo se popularizado e experimentado processos de transição como prática estritamente amadora, para a mercantilização e profissionalização de seus agentes e meios de relação no alto rendimento (MARCHI JR, 2004).

O voleibol é considerado uma das modalidades esportivas mais praticadas no Brasil (COSTA, 2006), contando com o terceiro maior número de adeptos no ano de 2013 (DIESPORTE, 2016). As conquistas e bons resultados alcançados pelas seleções nacionais, em diversas categorias, contribuem com o aumento dessa popularidade, bem como a consolidação de um campeonato nacional em alto nível (Superliga) (CBV, 2013). Essa grande divulgação faz crescer o número de praticantes e espectadores, além de investimentos em patrocínio e espaço na mídia, agregando ao voleibol uma grande e crescente influência sociológica.

Assim como qualquer outra prática coletiva, o voleibol envolve processos de relações sociais pautadas na disputa por poder entre grupos com diferentes *habitus*, resultando na reprodução ou transformação da ordem social do campo (MARCHI JR., 2002). Tais relações são decorrentes de estruturas sociais mais amplas e que acabam por fundamentar-se em processo de reprodução ou transformação das formas de poder. Principalmente em espaços educacionais (BOURDIEU; PASSERON, 2014). Assim como qualquer outra prática coletiva, o voleibol envolve processos de relações sociais pautadas na disputa por poder entre grupos com diferentes *habitus*, resultando na reprodução ou transformação da ordem social do campo (MARCHI JR., 2002). Tais relações são

decorrentes de estruturas sociais mais amplas e que acabam por fundamentar-se em processo de reprodução ou transformação das formas de poder. Principalmente em espaços educacionais (BOURDIEU; PASSERON, 2014). Nesse contexto, para melhor compreender algumas relações sociais do campo do esporte e oferecer subsídios teóricos para processos pedagógicos e de organização e comercialização desta prática, é pertinente compreender como se dão algumas relações sociais presentes no subcampo do voleibol, como: a) processos de entrada e atuação de novos sujeitos em grupos já estabelecidos ou em formação; b) distribuição e reconhecimento de poder (negociações e códigos sociais ligados ao estabelecimento de lideranças) e c) participação e sensação de contribuição efetiva nas atividades do grupo (em competições e treinamento).

Com fundamentação teórica na sociologia reflexiva de Pierre Bourdieu, o objetivo deste trabalho foi descrever critérios de estabelecimento de poder, entrada e manutenção do engajamento de jogadoras em uma equipe universitária de voleibol de uma universidade pública do interior do estado de São Paulo. De forma mais específica, buscou-se: a) apontar capitais simbólicos de determinado espaço de prática esportiva de lazer; b) descrever algumas características dos *habitus* dos agentes; c) refletir sobre os processos de estabelecimento e exercício de poder, além de formas de distribuição de capitais próprios desta prática esportiva.

Os resultados abarcam contribuições à sociologia e à pedagogia do esporte, possibilitando um melhor entendimento sobre algumas relações, disputas e interesses de praticantes de uma atividade esportiva de lazer, própria de um espaço específico, associados aos processos de entrada e atuação nesse subcampo. Além disso, procurou-se oferecer subsídios para reflexões sobre condutas pedagógicas e organizacionais por parte de profissionais de Educação Física e Esporte interessados na democratização e popularização do esporte, de forma a privilegiar a inclusão e a participação efetiva dos praticantes.

Fundamentação Teórica

O referencial de análise sociológica utilizado neste estudo é a Teoria dos Campos, elaborada pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu. Um dos conceitos fundamentais dessa teoria é o campo, que se apresenta como um espaço social delimitado, com suas próprias regras, normas e capitais em disputa, marcado pelas lutas por poder e relativa autonomia frente ao macrocosmo social (BOURDIEU, 1983).

Cada campo tem seus bens em disputa e os agentes lutam frente à desigualdade de oportunidades e distribuição de poder que conferem reconhecimento e legitimidade aos seus detentores. Aqui reside o conceito de *doxa* como uma submissão incorporada nos agentes, relativa à ordem de distribuição de poder estabelecida, defendida pelos detentores do reconhecimento legítimo

no campo. Assim todos os participantes do campo buscam a manutenção de sua estrutura, ocorrendo lutas internas entre o “velho” (detentores do poder socialmente estabelecido), que normalmente procura manter os critérios de distribuição de bens, e o “novo”, que procura transformá-la (BOURDIEU, 1983).

Outro conceito importante é o *habitus*, que se apresenta como uma estrutura estruturada e estruturante, que funciona como um princípio gerador e estruturador das práticas dos sujeitos, sem ser apenas um produto de regras ou um produto de ação organizadora de um regente. O conceito de *habitus* proposto por Bourdieu baseia-se na perspectiva praxiológica, considerando o objetivismo (que constrói relações objetivas que estruturam as práticas individuais) e o subjetivismo (que considera o mundo objetivo como inter-relações de subjetividade, partindo da experiência primeira do indivíduo) das relações sociais (BOURDIEU, 1994). O *habitus* seria uma força mediadora entre objetivismo e subjetivismo, rompendo com essa dualidade ao captar a interiorização da exterioridade e a exteriorização da interioridade (WACQUANT, 2007).

Relacionado ao *habitus* existe o conceito de *illusio* (proveniente de *ludus*, “jogo”) representando a ideia de estar preso ao jogo, mais precisamente de reconhecer que o jogo vale a pena ou que vale a pena jogá-lo, aceitando as regras e reconhecendo os alvos do jogo social em que se está envolvido (BOURDIEU, 1996; OLIVEIRA, 2005).

Assim, dentro do campo, tem-se que as posições de poder respeitam critérios determinados socialmente, representados pelo que Bourdieu chama de capitais que, por sua vez, são divididos em quatro categorias.

a) O capital econômico consiste em posse de dinheiro, poder aquisitivo e dos meios para multiplicar tais quantias. Prende-se ao conceito matemático de aquisição de poder de compra e comércio. Está presente na grande maioria dos campos, devido seu papel de grande importância no macrocosmo social. Porém, não necessariamente se configura como o caminho para o poder e reconhecimento simbólicos. Essa forma de capital é acumulada de acordo com o trabalho do agente, ou em seus investimentos. Pode também ser herdado (BOURDIEU, 1989).

b) O capital social é “... o conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados [...] à vinculação a um grupo, como conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns, mas também são unidos por ligações permanentes e úteis” (BOURDIEU, 1998, p.67). Corresponde à rede de relações interpessoais que cada pessoa constrói, com os benefícios ou malefícios que ela pode gerar na competição entre diferentes grupos. Essa forma de capital não é independente das outras, pois é gerado a partir deles. O volume de capital social que um agente possui depende da sua rede de relações e do volume de outras categorias de capital, que é posse de cada um com quem se relaciona (MARQUES, 2010).

Dessa forma, os grupos sociais são formados com vistas a concentrar capital social e multiplicá-lo, gerando lucros materiais e simbólicos a seus membros. Por isso, existem limites de entrada, que se configuram em exigências próprias dos mesmos. Isso garante certa homogeneidade quanto aos participantes (BOURDIEU, 1998). Por isso, o capital social é tido como tributário, pois é preciso “pagar” ou provar ter certas propriedades para ser aceito no grupo. Essa forma de capital, ou seja, a entrada num grupo a partir da posse de certas propriedades exigidas e reconhecidas, pode ser herdado ou ser adquirido através de trabalho por parte do agente (MARQUES, 2010).

c) O capital cultural implica em uma ruptura com pressupostos ligados a aptidões naturais, pois essa forma deriva das oportunidades de contato com o conhecimento e depende de questões financeiras, sociais e até da transmissão doméstica (familiar). Esse tipo de capital pode existir sob 3 estados: incorporado, objetivado e institucionalizado (BOURDIEU, 1998).

d) O capital simbólico é um bem que vale em relação a certo campo, sendo somente convertível em outra espécie nas condições próprias desse meio (BOURDIEU, 1983), derivando de acordo com o valor e reconhecimento simbólico que ele adquire nesse espaço. Essa forma de capital acaba por se configurar como um dos pontos mais importantes da obra de Pierre Bourdieu, pois estabelece especificidade e legitimidade ao campo e às disputas em seu interior (MARQUES, 2015).

O capital simbólico expressa o que se faz importante dentro do campo, realçando as relações de força. É um crédito dado aos que recebem reconhecimento suficiente para ter condição de se impor no grupo social. É o que faz a luta e a busca por sua posse valerem a pena, pois traz reconhecimento e possibilidade de ocupação de uma posição privilegiada no campo. É valorizado de acordo com critérios específicos do espaço em questão, que derivam de suas necessidades e história, e traz legitimidade ao portador dessa propriedade (BOURDIEU, 1983).

O poder atribuído ao sujeito dentro do campo, refletido na sua capacidade de determinar os critérios de distribuição de capital e de exercício de liderança sobre outros agentes é denominado de violência simbólica. Um de seus efeitos é a transfiguração das relações de dominação e submissão em relações afetivas, e a transformação do poder em carisma ou encantamento afetivo (BOURDIEU, 1996).

Metodologia

O presente estudo utilizou uma abordagem qualitativa, com a proposta de conhecer um subcampo do esporte dotado de *habitus* particulares (voleibol). Tem-se como participantes 5 jogadoras adultas da equipe universitária feminina de voleibol de um curso de graduação de universidade pública

do interior do Estado de São Paulo¹, de um grupo total de 8 jogadoras (1 delas participou da entrevista piloto e 2 não se disponibilizaram para a pesquisa). Este grupo escolhido participa de torneios universitários e de treinamentos periódicos organizados pelas próprias participantes. Todas assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido sobre a participação na pesquisa. O anonimato das entrevistadas foi garantido, com a denominação aleatória de S1 a S5.

Como produção de dados, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, pessoais e individuais, com uso de aparelho gravador de voz digital e posterior transcrição das respostas. Os dados foram organizados, analisados e classificados pelo método “Discurso do sujeito coletivo” (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2005). Como figuras metodológicas de análise utilizadas tem-se as expressões-chave (ECH) e as ideias centrais (IC). As ECH são trechos literais do discurso que revelam a essência do depoimento, sendo o conteúdo discursivo correspondente à questão da pesquisa. As ECH são úteis para apontar qual esfera de análise está sendo abordada pelo sujeito, de forma a facilitar uma primeira classificação das respostas. As IC representam o tema do depoimento, destacando os conteúdos apontados como, pois, direcionam para a ocorrência e forma dos eventos analisados (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2005). As ECH foram destacadas, facilitando a identificação dos dados. Em um segundo momento, essas ECH foram transportadas para Instrumentos de Análise do Discurso, na qual foram apontadas as IC referentes às respostas dos sujeitos. No terceiro e último momento, com base em análise das IC, as respostas foram agrupadas de modo a terem sentidos homogêneos, para que fossem construídos diversos “Discurso do sujeito coletivo” (DSC), utilizando-se de trechos literais das ECH utilizadas pelas entrevistadas (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2005).

O DSC é uma proposta de reconstituição de um ser ou uma entidade empírica coletiva, pois representa o social “falando” ou “falado”, relacionando a perspectiva praxiológica de Bourdieu à teoria de representações sociais (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2006).

Após realização de entrevista piloto para ajuste do roteiro de questões, o modelo final foi aplicado para todas as voluntárias, com a mesma estrutura inicial, sofrendo alterações de acordo com a direção que tomou a conversa e o conteúdo dos discursos. Por último, foi realizada a etapa de discussão dos dados, em um diálogo entre os aspectos ligados ao objeto de pesquisa, resultantes do presente estudo, em associação à literatura.

Resultados e Discussão

¹ A informação sobre indicação de qual universidade ocorreu o estudo foi suprimida neste ponto do texto como forma de garantir o anonimato do grupo de pesquisa realizador do estudo. Em caso de aceite do trabalho, os autores se comprometem a inserir tal informação na versão final.

Após a análise dos discursos, os dados analisados foram organizados em três temas: 1) Processos e critérios de entrada na equipe; 2) Seleção das jogadoras que participam dos jogos; 3) Critérios para atribuição de lideranças na equipe. Em cada tema foram apontadas as IC e DSC, colocando entre parênteses os sujeitos que ofereceram ECH para a composição de cada DSC (MAZZA; LEFÈVRE, 2005).

Tema 1: Processos e critérios de entrada na equipe

A experiência no voleibol relatada nos discursos tem início por volta dos 11 e 12 anos de idade (IC-A - DSC1): “Iniciei no voleibol por volta de 11^(S1, S2, S4, S5) e 12 anos^(S3)”. Esse número é próximo ao que a literatura indica como idade média mais recorrente de início da prática de jogadoras que já atuaram nas seleções brasileiras femininas infanto-juvenil, juvenil e adulta, 11,6 anos ($\pm 2,43$) (BOJIKIAN et al, 2007).

Algumas entrevistadas relataram ter participado de categorias de base superiores à própria idade (IC-B - DSC2):

Teve uma época em que eu jogava para meu time e para o time das meninas mais velhas^(S4). Quando estava no mirim eu jogava no mirim e também no infantil, depois comecei a jogar no infantil e no infante e depois no infante e no juvenil^(S1).

Apesar de experiências que denotam um nível de envolvimento alto com a modalidade através da evolução em categorias de base, a maioria das jogadoras acabaram abandonando a prática devido aos estudos acadêmicos diminuindo seu envolvimento com o voleibol para estudar (entrada na universidade), porém retomando posteriormente esta atividade durante o período de graduação. Esse fator é abordado na IC-C - DSC3: “Parei para estudar para a faculdade, vestibular, essas coisas^(S2, S4, S5). Fiquei meio parada, no terceiro ano do colegial fazia só jogo recreativo^(S3)”.

As características dessa população são recorrentes no mundo esportivo, sendo a necessidade da dedicação nos estudos apontada por vários autores como uma das maiores razões de abandono da prática esportiva por parte de adolescentes (HALLAL et al, 2004; BARA FILHO; GUILLÉN GARCIA, 2008; ENOKSEN, 2011).

A experiência anterior das entrevistadas com o voleibol difere nos níveis de envolvimento, refletidos na disputa de campeonatos regionais e estaduais e com a presente atuação em equipes fora da XXXXXX².

² Identificação da equipe estudada.

Apesar das diferenças nas características e níveis de envolvimento, todas as entrevistadas frequentaram categorias de base, (IC-D - DSC4): “Comecei a jogar no pré-mirim^(S1, S2, S3), então fui subindo de categoria jogando no grupo das mais velhas^(S4), passando pelas categorias mirim, infantil, infanto-juvenil^(S1, S2, S3, S5), juvenil e adulto^(S1)”. Tal fato indica que ter jogado voleibol anteriormente faz parte do *habitus* próprio das entrevistadas, podendo ser determinante para essa inserção na prática no meio universitário estudado.

A entrada na equipe se deu em vários casos pelas ingressantes já jogarem voleibol anteriormente, sendo o início nos treinos imediato, bem como a disputa de campeonatos (IC-E, DSC5):

Assim que cheguei, as meninas souberam que eu jogava vôlei^(S1, S2), elas já chegaram e perguntaram se eu jogava^(S2) e acho que entrei no time por conta delas terem me visto jogando^(S3). Já comecei a treinar^(S1, S3, S4, S5), disputar os jogos^(S1, S3, S5).

Fatores importantes como a experiência anterior no voleibol e a apresentação prévia como uma jogadora ou ex-jogadora da modalidade parecem ter contribuído para a entrada na equipe (IC-F - DSC6): “Tem que ter uma experiência na modalidade^(S2, S4), dizer que sabe jogar, que já jogou que já treinou^(S2, S3), que teve base^(S3)”.

Tais discursos apontam que jogadoras e ex-jogadoras de voleibol teriam o capital simbólico do subcampo analisado, representado pela experiência anterior e aptidão esportiva, fatores facilitadores para a entrada na equipe. O capital simbólico, reconhecido como um bem que vale em relação a certo campo de acordo com as condições próprias desse referido meio (BOURDIEU, 1983), atua como uma medida de valor e reconhecimento simbólico que os sujeitos adquirem nesse devido espaço. Assim, as características fornecidas pelos dados sustentam que a experiência anterior com o voleibol norteia o valor no campo, pois estabelece especificidade e legitimidade as disputas presentes em seu interior. Nesse caso, tal vivência serviu como uma “moeda” que justificasse o mérito da jogadora para fazer parte da equipe.

Tema 2: Seleção das jogadoras que participam dos jogos

Há, no grupo analisado, uma destacada valorização às atuações passadas e presente no voleibol fora da equipe no processo de seleção de jogadoras para as partidas (IC-G, DSC7): “Joga quem treina por fora, como algumas meninas que jogam por Sertãozinho e devido a isso elas entram pelo contato maior com a modalidade^(S4). Quem jogou profissional, jogou em um time mais forte e representou, entra no jogo^(S5)”.

Tais discursos exprimem um caráter de poder e respeito por parte das jogadoras que ainda atuam ou que atuaram em equipes de destaque na modalidade e que possivelmente detenham o capital simbólico do subcampo, com isso, sendo selecionadas para jogar.

Vale destacar também, a competência atlética e a realização com sucesso de fundamentos técnicos da modalidade, como fatores importantes para a entrada na equipe e também nas partidas (IC-H, DSC8): “Tem que saber no mínimo realizar toque, manchete, essas coisas^(S1), saber os fundamentos^(S3). Tem que saber se virar em quadra^(S1), saber jogar^(S2), ter condição e um pouco de habilidade^(S3)”. Tais discursos revelam também parâmetros objetivos de desempenho como critérios de entrada no subcampo, especificando outro elemento do capital simbólico valorizado, representado pela capacidade técnica das jogadoras. Tem-se, portanto, como principais elementos do capital simbólico valorizados, a experiência anterior no voleibol, associada à capacidade técnica. Tais dados vão de encontro com o proposto por Marques et al. (2013), que apontam como principal capital simbólico do campo do esporte o mérito esportivo e a capacidade de realização atlética dos sujeitos.

Esses fatores relacionados ao capital simbólico do campo, no presente estudo, expressam e realçam as relações de força, facilitando o acesso das detentoras do capital à prática. É um crédito dado aos que recebem reconhecimento suficiente para ter condição de se impor no grupo social (BOURDIEU, 1983). Tal fato acaba servindo como um reforço das relações de poder dentro da equipe, reproduzindo certa lógica meritocrática pautada nos feitos esportivos de cada jogadora. Tais critérios de reconhecimento social acabam por funcionar como uma lógica ortodoxa que privilegia os detentores de tal capital, dificultando o acesso de outras atletas que desejem fazer parte do grupo, mas que não tenham experiências anteriores.

Outro componente ligado à entrada e participação de novas jogadoras no grupo se dá em relação às lideranças estabelecidas (velho), que zelam por certa ortodoxia nos procedimentos e distribuição de poder no subcampo, em detrimento de novas jogadoras que desejam conquistar seu direito de participação e questionam a *doxa* (BOURDIEU, 1983; 1996) (IC-I, DSC9):

Quando cheguei foi meio bagunçado, os treinos acabavam sendo os jogos^(S4). Não era nada muito estruturado^(S3), não tem um treino sério^(S5). Senti que o time é meio fechado^(S5), já tem as veteranas que jogam, o time já está montado^(S5). As pessoas mais velhas já estão mais enturmadas entre si, pois já treinavam juntas há algum tempo^(S4). Quando cheguei aqui parece que não aceitaram muito bem, me colocaram em qualquer posição, falaram que canhoto tem que fazer saída e me colocaram no banco^(S5).

Tais fatos ilustram certo capital social exigido neste espaço, de modo que fazer parte do grupo com maior poder expressa melhores possibilidades de atuação. Além disso, fica clara também a

necessidade de conquista do direito de fazer parte do grupo, seja através da competência técnica, ou da experiência anterior como jogadora. Tal predisposição para ser aceita faz parte do zelo em relação à sua reputação e aos bens que diferentes sujeitos precisam possuir para serem mercedores de fazer parte de determinado campo ou subcampo e serem reconhecidos como parte integrante de um grupo em especial. Neste sentido, o capital social atua como forma de proteção das conquistas e posição que o grupo detém no subcampo. Por isso, nota-se que alguns critérios de entrada e direito de atuação são exigidos pelos sujeitos.

S5 (jogadora mais nova em idade e tempo de engajamento na equipe) cita ainda a falta de participação de todas as jogadoras nas decisões e uma rejeição por parte da equipe em relação aos novos ingressantes (IC-J, DSC10): “Não tenho muita participação nas escolhas, gostaria de ter mais. Senti que o time já está montado e se você entra, entra em qualquer lugar, faz qualquer posição^(S5)”. Além disso, ela ainda cita falta de critérios definidos para a entrada na equipe e na seleção de quem participa dos jogos (IC-K, DSC11):

Acho que não tem critério nenhum, não tem muito critério para saber quem vai jogar quem não vai, é uma coisa meio bagunçada. Para mim não tem critério nenhum, tanto que parei de vir treinar, fiquei meio revoltada, pois não acho isso certo, existem muitos outros critérios para decidir quem vai entrar e quem vai sair^(S5).

Este discurso elucida a necessidade de aquisição dos capitais social e simbólico e também demonstra que esta jogadora se comporta como o “novo” que tenta ascender socialmente no subcampo, questionando a ortodoxia presente. Neste caso, alega falta de conhecimento dos critérios de atribuição de poder. Tal discurso revela, ou a não aquisição do *habitus* do grupo, ou a tentativa de transformação dos critérios para alcance da violência simbólica neste espaço (ação heterodoxa). A luta do “velho” contra o “novo” é representada aqui no processo de entrada deste campo, entre as jogadoras mais experientes e as mais novas ou menos experientes, onde o “novo” não entende ou não concorda com as regras impostas no campo, buscando alterar a ordem social.

Tal perspectiva fica clara também no discurso de S5 sobre o critério determinante para fazer parte da equipe que efetivamente participa dos jogos ser o fato de já estar inserido nele previamente (IC-L, DSC12): “O critério talvez seja quem já esteja lá. Quem joga vôlei há não sei quantos anos entra. Se é veterana entra, se é caloura senta no banco e espera. Eu pelo menos vi desse jeito^(S5)”. Isso demonstra certa dominação social por parte dos agentes mais velhos, reforçando a ideia de quem é mais novo na equipe permanece no banco, além do critério de tempo de participação parecer ter certo peso.

É importante apontar que tais critérios de entrada e participação no grupo não se configuram, necessariamente, como um componente universal do campo esportivo ou do subcampo do voleibol,

mas podem ser descritos como uma característica deste grupo específico. O esporte é um fenômeno sociocultural heterogêneo, que se expressa na sociedade sob diferentes formas de manifestação (MARQUES, ALMEIDA, GUTIERREZ, 2007). Essa pluralidade permite que diferentes grupos se apropriem de práticas esportivas e confirmam às mesmas uma certa elasticidade semântica, de acordo com seus *habitus* e perspectivas (BOURDIEU, 1990).

Como exemplo desta diversidade, pode-se tomar o estudo etnográfico de Stigger (2002), com três grupos de praticantes de esporte de lazer em Portugal (sendo dois com futebol e um com voleibol), que não somente organizaram-se de modos particulares, como também impuseram formas e critérios de entrada e manutenção dos sujeitos na prática, conferindo códigos de conduta diferenciados, de acordo com os objetivos, sentido e capacidades de participação dos envolvidos. Nota-se, neste estudo citado, que o sentido da prática confere grande influência sobre as formas de conduta e atribuição de lideranças entre os participantes, alterando os critérios de distribuição de poder e reconhecimento de capitais de acordo com cada grupo.

Deste modo, a análise sobre o sentido adotado pelos praticantes faz-se como um indicativo importante de análise sobre seus *habitus* e forma de organização social adotada (MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2008).

Tema 3: Critérios para atribuição de lideranças na equipe

Uma característica importante do *habitus* das entrevistadas se expressa pela IC-M, que elucida o objetivo principal da equipe, que é a vitória nas competições (DSC13):

Vemos quem joga bem e sabe se virar melhor em quadra^(S1), quem joga mais^(S2, S4), quem tem maior condição^(S3), quem está atacando bem^(S1, S4), bloqueando, essas coisas^(S1). Para não desanimar a gente coloca algumas meninas para jogar se o adversário for mais fraquinho^(S1) e o jogo é tranquilo^(S3), mesmo que elas tenham menos habilidade, a gente tenta colocar para participar^(S3), mas a intenção é sempre ganhar^(S1).

Com base no modelo proposto por Marques, Gutierrez e Almeida (2008)³, esse discurso remete a um sentido oficial no esporte de lazer, que acaba por transmitir valores morais ligados à segregação, comparação objetiva de desempenhos e supervalorização da vitória, o que pode ocasionar abandonos e desmotivação em atletas menos valorizadas no campo. Tais valores podem ter sido incorporados da

³ O modelo diferencia o sentido oficial e ressignificado do esporte, sendo que no oficial se prioriza o resultado da disputa cobrando dos participantes um rendimento obrigatório, podendo assumir características de segregação, enquanto no sentido ressignificado há a adaptação da prática pautada na valorização das capacidades individuais, cobrando dos participantes um rendimento necessário, de acordo com o ambiente de prática (MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2008).

vivência anterior das jogadoras em equipes atuantes no espaço de alto rendimento ou em busca deste nível, com condutas pautadas na busca pela vitória, com ênfase na meritocracia e hierarquia dentro do grupo (VIEIRA et al, 2010).

Percebe-se no discurso de algumas atletas um componente do *habitus* no qual a liderança por parte de quem tem maior experiência no voleibol é reconhecida, aceita e legitimada pelos agentes do subcampo (IC-N, DSC14):

É algo que surgiu e todo mundo reconhece aquela liderança, as meninas entendem e aceitam essa liderança pela experiência maior^(S3), e a gente até confia assim deixando elas que estão mais no meio comandarem o time^(S4).

Tais discursos demonstram uma característica deste *habitus* específico, funcionando como algo adquirido, mas mais precisamente encarnado no corpo do sujeito, se manifestando de forma durável e norteando a maneira de ser ou de fazer do indivíduo, sob a forma de disposições permanentes (BOURDIEU, 1983).

Esse reconhecimento de liderança e a facilitação de entrada na equipe revela também o capital simbólico deste grupo, que aparece nos dados apresentados nos temas 1, 2 e 3, e é representado pela maior experiência e sucesso anteriores no voleibol, como um crédito atribuído aos agentes, que são respeitados e exercem certa violência simbólica.

Esse fato faz com que a luta e a busca por sua posse valham a pena, ao trazer reconhecimento e possibilidade de ocupação de uma posição privilegiada no campo, denotando a *illusio* deste grupo de jogadoras ao expressar o que as mantém envolvidas com a atividade independente de fazerem parte da elite ou não deste grupo (OLIVEIRA, 2005).

Dessa forma esse capital se torna valorizado de acordo com critérios específicos do espaço em questão, que derivam de suas necessidades e história, e traz legitimidade ao portador dessa propriedade (BOURDIEU, 1983).

Esse poder de constituição é fruto de um processo, onde é instituído um mandatário, que recebe do próprio grupo o poder de comando (BOURDIEU, 2004). Para tanto deve haver a posse de determinado nível de capital simbólico reconhecido como valioso pelos membros do grupo analisado.

Considerações Finais

Considerando o objetivo deste trabalho foi descrever critérios de estabelecimento de poder, entrada e manutenção do engajamento de jogadoras em uma equipe universitária de voleibol de uma

universidade pública do interior do estado de São Paulo, tem-se que os processos de entrada e manutenção no grupo estudado apresentam critérios claros.

Neste cenário, o *habitus* do grupo que exerce a violência simbólica está principalmente relacionado à valorização da experiência e à história anterior das jogadoras com a modalidade, fatores que parecem facilitar a entrada na equipe e gerar reconhecimento simbólico por parte dos agentes. Deste modo, o capital simbólico valorizado no grupo analisado tem como principais fatores a capacidade técnica das jogadoras (próprio do campo esportivo) e a experiência anterior com o voleibol. As lutas pelo poder são representadas pelas agentes com maior experiência e sucesso no voleibol contra as de menor experiência, representando respectivamente o “velho” e o “novo”.

Devido a essas características, parece haver, neste grupo, restrições à entrada de pessoas com pouca experiência na modalidade, dificultando a atuação futura para as jogadoras que não estiveram inseridas no universo do voleibol antes de ingressarem na universidade. Com isso, o esporte, no âmbito do grupo pesquisado, parece não ser um espaço com vocação para formar novas jogadoras, mas sim reforçar a participação de quem já tem um histórico neste meio, fazendo deste grupo um espaço de reprodução de certa ordem social estabelecida, que privilegia quem tem certo capital anterior, dificultando a entrada de novos sujeitos, de forma similar à ideia de reprodução no meio educacional proposta por Bourdieu e Passeron (2014). Talvez tal característica deva-se ao objetivo primário da equipe de busca por vitórias, em detrimento de um secundário, que é a abertura para participação de novas jogadoras.

Mora neste aspecto a principal contribuição deste trabalho. Tem-se que este grupo, sem uma liderança formalmente instituída na figura de um treinador, estabelece sua forma de organização com base em critérios próprios, norteados pelas normas sociais específicas. Assim, o que se percebe é uma regulamentação simbólica que privilegia as agentes mais velhas no grupo, sendo exigido para a entrada no mesmo, capitais simbólicos que venham a contribuir com a manutenção desta liderança e com a prosperidade da equipe em competições. A transmissão de tal ideário não é, em essência, problemática, desde que seja adequada a um espaço esportivo específico (como por exemplo, equipes de alto rendimento).

Neste sentido, este trabalho, que direciona suas conclusões apenas em relação ao grupo estudado, não pretendendo generalizar seus resultados, procura oferecer subsídios teóricos a profissionais e estudiosos da Educação Física e Esporte, de modo que possam refletir sobre os critérios utilizados em suas práticas pedagógicas, adequando sua forma de atuação ao ambiente (alto rendimento, lazer, escolar) e sentido de abordagem de valores morais (oficial – priorizando o resultado da disputa; ou ressignificado – priorizando a adaptação da prática à vivência de um processo pautado na inclusão e valorização das capacidades individuais) (MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2008), a respeito da

oferta de oportunidades de inserção de novos praticantes, ou de participação do maior número possível de sujeitos em atividades diversas.

O presente estudo buscou oferecer como contribuições à sociologia do esporte, um melhor entendimento sobre as relações, disputas e interesses de jogadoras universitárias de voleibol, identificando alguns processos de entrada e atuação nesse subcampo. Também procurou agregar contribuições à pedagogia do esporte, oferecendo subsídios para professores/instrutores/treinadores refletirem sobre condutas pedagógicas que privilegiem a inclusão e a participação dos interessados na prática esportiva e não necessariamente apenas reproduzam, em espaços não adequados para tal, modelos hegemônicos pautados apenas na meritocracia atlética.

Reflexões sobre as disputas por poder em uma equipe são úteis ao professor/instrutor/treinador de práticas esportivas, identificando as relações entre os alunos e podendo evitar fatores que prejudiquem o convívio em grupo, podendo criar maneiras de ofertar a prática com compreensão da realidade social, melhor qualidade e de maior acesso a novos participantes, ou ainda, seleção de talentos experientes para competições esportivas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFONSO, Gilmar Francisco. **A reinvenção do voleibol de praia:** agentes e estruturas de uma modalidade espetacularizada (1983 – 2008). Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2011.

BARA FILHO, Maurício Gattás; GUILLÉN GARCIA, Félix. Motivos do abandono no esporte competitivo: um estudo retrospectivo. **Rev. bras. Educ. Fís. Esp.**, São Paulo, v.22, n.4, p.293-300, 2008.

BOJIKIAN, João Crisóstomo Marcondes; SILVA, André Vicente Oliveira da.; PIRES, Livia Cristina; LIMA, Danilo Anderson de; BOJIKIAN, Luciana Perez. Talento esportivo no voleibol feminino do Brasil: maturação e iniciação esportiva. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, vol. 6, N. 3, p. 179-187, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia.** Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

_____. **O poder simbólico.** Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1989.

_____. Esboço de uma teoria da prática. In: ORTIZ, R. (Ed.). **Pierre Bourdieu.** Coleção Grandes Cientistas Sociais. 2. ed. São Paulo: Ática, 1994.

_____. **Razões práticas:** sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus, 1996.

_____. Capital social. Notas provisórias. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio Mendes (orgs.). **Escritos de Educação.** Petrópolis: Vozes, 1998.

- _____. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- _____. **Os herdeiros**. Os estudantes e a cultura. Florianópolis : Editora UFSC, 2014.
- BOURDIEU, Pierre ; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução**. Elementos para uma teoria do sistema de ensino. Petrópolis : Vozes, 2014.
- CBV. (Confederação Brasileira de Voleibol) Disponível em: <<http://www.cbv.com.br/v1/superliga/superliga-historia.asp>>. Acesso em 05 de fevereiro de 2013.
- COAKLEY, Jay. **Sports in society: issues and controversies**. 10ed. Saint Louis: Times Mirror/Mosby College Publishing, 2008.
- COSTA, Lamartine Pereira da. Cenário de tendências gerais dos esportes e atividades físicas no Brasil. In: Costa, L. P. da. (org.) **Atlas do Esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: CONFEF, 2006.
- DIESPORTE. Disponível em: < <http://www.esporte.gov.br/diesporte/2.html> > Acesso em 19 de agosto de 2016.
- ENOKSEN, E. Drop-out rate and drop-out reasons among promising Norwegian track and field athletes. **Scandinavian sport studies forum**, v. 2, p. 19-43, 2011.
- HALLAL, P.C., NASCIMENTO, R.R., HACKBART, L. ROMBALDI, A.J. Fatores intervenientes associados ao abandono do futsal em adolescentes. **R. bras. Ci. e Mov.**; 12(3): p. 27-32, 2004.
- LEFÈVRE, Fernando; LEFÈVRE, Ana Maria Cavalcanti. **Discurso do Sujeito Coletivo**. Um novo enfoque em pesquisa qualitativa (Desdobramentos) 2ª Ed. Caxias do Sul: EDUCS, 2005.
- _____. O sujeito coletivo que fala. **Interface- Comunicação, Saúde, Educação**, v.10, n. 20, p.517-24, jul./dez., 2006.
- MARCHI JUNIOR, Wanderley. Bourdieu e a Teoria do Campo Esportivo. In: PRONI, M. W.; LUCENA, R. F. (Ed.). **Esporte: História e sociedade**. Campinas: Autores Associados, 2002, p. 77-110.
- _____. **Sacando o voleibol**. São Paulo: Hucitec, 2004.
- MARQUES, Renato Francisco Rodrigues. **O esporte paraolímpico no Brasil: abordagem da sociologia do esporte de Pierre Bourdieu**. Tese de doutorado (2010). Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.
- MARQUES, Renato Francisco Rodrigues; ALMEIDA, Marco Antonio Bettine de; GUTIERREZ, Gustavo Luis; Esporte: um fenômeno heterogêneo: estudo sobre o esporte e suas manifestações na sociedade Contemporânea. **Movimento**, v13, n3, p.225-242, 2007.
- MARQUES, Renato Francisco Rodrigues; GUTIERREZ, Gustavo Luis; ALMEIDA, Marco Antonio Bettine de. O esporte contemporâneo e o modelo de concepção das formas de manifestação do esporte. **Conexões**. Campinas, UNICAMP V. 6, n.2, 2008.

- MARQUES, Renato Francisco Rodrigues; GUTIERREZ, Gustavo Luis; ALMEIDA, Marco Antonio Bettine de; MENEZES, Rafael Pombo. Mídia e o movimento paralímpico no Brasil: relações sob o ponto de vista de dirigentes do Comitê Paralímpico Brasileiro. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, V. 27, n.4, p.583-596, 2013.
- MARQUES, R. F. R.. Contribuições da Obra de Pierre Bourdieu para a Pesquisa em Sociologia do Esporte no Século XXI. In: Marco Antonio Bettine de Almeida. (Org.). **Estudos Interdisciplinares em Sociologia do Esporte**. 1ed.São Paulo: EACH, p. 9-37, 2015.
- MAZZA, Márcia Maria Porto Rosetto; LEFÈVRE, Fernando. Cuidar em família: análise da representação social da relação do cuidador familiar com o idoso. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**.v. 15, n.1, p. 01-10, 2005.
- OLIVEIRA, P. P. Illusio: aquém e além de Bourdieu. **Mana**, V. 11, n.2, p. 529-543, 2005.
- SOUZA, Juliano de. A reflexividade metodológica de Pierre Bourdieu como modelo heurístico para leitura do esporte no Brasil – potencialidades e contribuições. In: MARCHI JR, Wanderley (org.) **Ensaio sobre sociologia do esporte**. São Paulo: Factash Editora, 2011, p. 29-54.
- STIGGER, Marco Paulo. **Esporte, lazer e estilos de vida: um estudo etnográfico**. Campinas: Autores Associados, 2002.
- VIEIRA, Lenamar Fiorese; VIEIRA, José Luiz Lopes; FERRAZ, Christiane de Cássia e OLIVEIRA, Leonardo de Pestillo. Análise do autoconceito de Atletas de voleibol de Rendimento. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.24, n.3, p.315-22, jul./set. 2010.
- WACQUANT, Loic. Esclarecer o habitus. **Educação & Linguagem**, ano 10, n. 16, p. 63- 71, jul./dez. 2007.